

**JOSÉ A. DOMINGUES**

joseantoniomingues@gmail.com

**LABCOM.IFP / UBI**

## **ARQUITETURA ESSENCIAL: LUZ, GRAVIDADE, IDEIA**

### **RESUMO**

Alberto Campo Baeza: "Quando, por fim, um arquiteto descobre que a LUZ é o tema central da Arquitetura, então, começa a entender algo, começa a ser um verdadeiro arquiteto" (Baeza, 1996b, p. 53). Alberto Campo Baeza propõe uma arquitetura da luz, projeção da sua matéria. E da gravidade. Pela luz o homem domina o espaço e pela gravidade domina a construção. Mas a luz, dado o seu caráter inefável, é o modo último de vencer a construção. Projetar, em arquitetura, é-o enquanto um aprender a vencer o espaço e a construção, tem alguma relação com o "aprender a ver". É para o homem que se projeta. Passar constante do espaço através do tempo, de tradução de elementos que, na sua relação com a luz, aparecem. É ideia construída. É a partir deste esquema que Baeza cria o 'manifesto' da arquitetura: "Proponho uma Arquitetura essencial de IDEIA, LUZ E ESPAÇO. (...) IDEIA com vocação de ser construída, ESPAÇO ESSENCIAL com capacidade de traduzir eficazmente estas ideias, LUZ que põe em relação o homem com esses espaços" (Baeza, 1996b, p. 39). Está esta posição, a nosso ver, relacionada com um criticismo filosófico da habitação contemporânea muito consolidada e evidente na nítida falta de tempo que mostra.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arquitetura essencial; luz; gravidade; filosofia da habitação; criticismo

---

## A MINHA CASA NO VERÃO É UMA SOMBRA

### *Sobre a Casa Gaspar, em Cádiz*

A minha casa no verão é uma sombra entre quatro paredes levantada. Sombra que além de obscura é transparente de tão cheia da luz que ali contende. A minha casa no verão é o sossego, um lugar onde a calma se aposenta, um remanso de paz aonde se volta. A minha casa no verão é uma balsa aonde acodem os meus amigos náufragos a degranar a palavra que conforta, a resgatar o tempo tão perdido. Nascem ali poemas do nada, quiçá o mais bonito da vida. Mas e que é e como é a casa, ao fim e ao cabo? É uma arquitetura simples e clara. Quatro muros muito brancos elevados, bem traçados, dispostos de acordo com uma sabedoria sóbria. Com um interior de sombra corretamente medida que rivaliza sempre com a indomável luz. Um solo firme de pedra, como se fosse a terra a emergir, a apoiar os nossos pés descalços. E no fundo e no centro ali escavada uma alverca serena e em silêncio, recipiente de uma água quase quieta. Una gaivota perdida banha-se ali, sem a tocar nem manchar, quase nada. E é assim que a água na sombra é um espelho, periscópio infinito dos céus. E nos seus quatro claros pontos cardeais, ao perfurar a pedra nas suas entranhas, brotam lunários limoeiros que abrem a sua flor branca todas as manhãs. A minha casa no verão é arquitetura, no pleno sentido do termo. Horto cerrado, arcada, paraíso. Quatro muros e uma árvore e uma alverca. E luz e obscuridade compasadas. E o solo fresco de pedra que dá gozo: céu na terra, pois o que é isto senão a arquitetura? (Baeza, 1996a)

A casa surge para Baeza exatamente também como Bachelard a examina: espaço de abrigo, de habitação, imagem da intimidade protegida (Bachelard, 2008, p. 19). A casa é um ser de natureza. É solidária com a montanha e com as águas. Recebe a sua provisão de luz e de sombra. Sonho de intimidade, de uma morada amiga. Há, porém, uma diferença: a casa de Bachelard de *A poética do Espaço* vai da terra ao céu, da cave ao sótão. Ilustra a verticalidade dos humanos. A casa de Baeza é o céu na terra, uma “caixa” da horizontalidade. Explora possibilidades que estão na natureza do homem e da casa que provam que aumentam a realidade do homem e da casa. Assim o esquisso da casa de Blas (Figura 1):

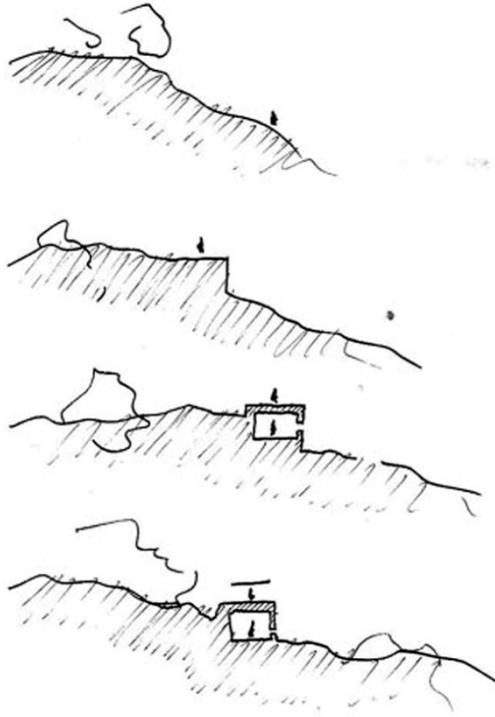


Figura 1

O espaço da casa é um plano e da possibilidade de o proporcionar o homem concebe a possibilidade de o controlar. E o espaço da casa torna-se elemento transformável. Dominando a luz e a gravidade estende o poder sobre esse elemento, o espaço da casa, que se torna uma manifestação que suporta a *ideia construída*.

*La Idea Construída* apresenta o desafio arquitetónico que a ideia constitui. O problema que nos coloca: Como extrair arquitetura de uma ideia? Para Baeza há um pressuposto arquitetónico, arquitetónico, quer dizer, que está nas primeiras ancestralidades da cultura quando se discute arquitetura, que não é físico e no entanto é capaz de o gerar. Esse pressuposto explica a origem da construção, a realidade em que as materialidades vão aparecer e corresponder a diversas formas. Cada forma comunica a indestrutibilidade de uma ideia. A ideia desenvolve-se, totalmente, entregue ao arquiteto, que se sente um intermediário, poeta (investido do papel de demiurgo) dessa ideia. “Sabemo-lo todos muito bem que, como professores, queremos ensinar a fazer Arquitetura” (Baeza, 1996b, p. 15), diz.

A arquitetura é sempre construção de ideias (*Architectura sine luce nulla architectura est*). Ideia materializada. Pensamento concreto. É matéria que se comunica em forma que os homens sentem, uma dessas expressões de felicidade que reencontram ao passar nos lugares. A forma virá sempre só no fim, como uma razão, um sentido que se quer extrair das obras. Como extrair uma forma arquitetónica da ideia? A ideia, a luz e a gravidade são três componentes principais da arquitetura de Baeza e que traduzem o que ele decidiu chamar de arquitetura essencial. É, nas suas palavras, uma arquitetura que funde a matéria com a forma e institui a libertação dos vínculos da gravidade e toma como seu grande horizonte de visão uma ampla luz que se difunde. É uma arquitetura que usa estes aspetos elementares para a construção dos espaços, espaços que podem ser compreendidos restituindo os seus fatores elementares, de base: controlo da luz, domínio da gravidade, comunicação de ideias...”capaz de suscitar no homem a suspensão no tempo, a emoção: mais com menos” (Baeza, 1996b, p. 40). Ideia de uma arquitetura simples e libertadora. Ideia indestrutível materializada. Segundo Baeza, Konstantin Melnikov, arquiteto russo, usa as palavras exatas quando decidiu construir a sua casa:

“Automeado chefe de mim mesmo, supliquei-lhe (à Arquitetura) que se libertasse, de vez, do seu vestido de mármore, limpasse a cara da cosmética e se mostrasse, a si mesma, desnudada, tal qual uma deusa jovem e graciosa. E como uma verdadeira beleza, renunciasse a ser agradável e complacente” (Baeza, 1996b, p. 73).

Arquitetura permanente, universal, construída em exclusivo para ser vivida – “renunciasse a ser agradável e complacente” –, renuncia a ser apenas uma forma. Se seguíssemos os caminhos do que se nos apresenta, hoje, a arquitetura para ser estudada, esta arquitetura essencial de Baeza, concluiríamos, abandona os cenários do mundo para viver o cenário único do imutável da ideia. É abstração construída. Desejo do espaço imutável sem outro mote que a própria imutabilidade.

As ideias que dão origem à arquitetura simples são todavia conceitos complexos. A ideia, diz Baeza, é a síntese de um conjunto de factos complexos. O complexo facto arquitetónico é uma unidade de três conceitos: função, composição, construção – longamente preparados por Vitruvius – *utilitas, firmitas, venustas*. A arquitetura assim trabalhada, pormenorizando os diversos componentes – escala, dimensão, proporção, materiais, geometria, lugar, emoção – não pode deixar de perceber, segundo Baeza, a razão da arquitetura e da sua precisão poética. Para Baeza, a arquitetura

é como uma poesia. Têm em comum: “misturas certas de ingredientes, medidas e tempos” (Baeza, 1996b, p. 13). É procura árdua de ideias. E as ideias têm dimensões e medidas.

A comportabilidade de uma arquitetura da ideia, hoje, face às tendências de comunicação massiva, de acordo com o termo de Virilio (2004), é um problema que faz temer, tremer, uma arquitetura de base ideia, comunicação de ideia, extensão de luz, da transparência, e que faz participar de um espaço libertador, de contemplação...A Caja de Granada de Baeza difunde razões para ir contra tal incomportabilidade. Aqui o espírito crítico do arquiteto conduz a sua arquitetura com os bons elementos: ideia, luz, gravidade, até chegar às sínteses certas. E sempre a arquitetura de Baeza evoca calma, respiração lenta, paz, serenidade, pensamento. “Pensar, pensar, eis a questão” (Baeza, 1996b, p. 21). Assim, parece que em Baeza, como em Bachelard, filósofo da poesia, a obra dirige-se ao utilizador. Considera a vastidão a palavra do ilimitado. Esta pode ouvir-se. Vastidão é a palavra que “abre um espaço, que abre um ilimitado” (Bachelard, 2008, p. 202). Com ela, diz Bachelard: “Recebe, como uma matéria suave, os poderes balsâmicos da tranquilidade ilimitada” (Bachelard, 2008, p. 202). A arquitetura da ideia, da tradução da ideia em forma, e da luz, da sua concentração, também é a arquitetura da imensidão. Por ela contribui para a liberdade da habitação. A contemporaneidade é contrastante com esta arquitetura. Em vez da imensidão quer ideias formadas na contemplação de espetáculos da comunicação. Para Virilio, vemos aí em ação, em vez da ideia e da liberdade, a destruição e a opressão (Em *Bunker Archaeology*, Virilio (1975) examina os tempos emergentes do terror na europa da Alemanha Nazi e do papel da arquitetura militar de Albert Speer). Todos os pensamentos, todas as medidas invocadas para a perenidade da obra são, para Baeza, chaves da arquitetura. O cenário de hoje é, segundo Virilio, de uma realidade sem gravidade, sem luz, uma realidade de substituição, de um espaço que parece inexplorado e que se assemelha a um sonho. *Desolação* de mundo, escreve Virilio (Virilio, 2004, p. 139).

Voltando a Baeza: mas por que haveríamos de negligenciar os valores essenciais na avaliação dos factos arquitetónicos?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bachelard, G. (2008). *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Baeza, A.C. (1996a). *Mi casa en el verano es una sombra*. Retirado de <http://campobaeza.com/wp-content/uploads/2014/02/MY-HOUSE-IN-THE-SUMMER-IS-SHADE.pdf>

Baeza, A. C. (1996b). *La Idea Construída. La Arquitectura a la luz de las Palabras*. Retirado de [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LwOtleOnomkJ:oa.upm.es/30439/1/Idea1\\_opt.pdf+&cd=6&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LwOtleOnomkJ:oa.upm.es/30439/1/Idea1_opt.pdf+&cd=6&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt)

Virilio, P. (2004). *Ville Panique. Ailleurs comence ici*. Paris: Galilée.